

**ESCOLA ANNA NERY
REVISTA DE ENFERMAGEM**

Anna Nery School
Journal of Nursing
Escuela Anna Nery
Revista de Enfermería
Revista de Enfermería
Revista de Enfermería

Escola Anna Nery Revista de Enfermagem

ISSN: 1414-8145

annaneryrevista@gmail.com

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Brasil

Gomes, Maria da Luz Barbosa; Sauthier, Marta

"A FORMAÇÃO MORAL DA ESTUDANTE DE ENFERMAGEM"

Escola Anna Nery Revista de Enfermagem, vol. 12, núm. 2, junio, 2008, pp. 208-216

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=127715310002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

“A FORMAÇÃO MORAL DA ESTUDANTE DE ENFERMAGEM”*(Waleska Paixão)*

“The Moral Formation of the Nursing Student”

“La Formación Moral de la Estudiante de Enfermería”

Apresentação

Maria da Luz Barbosa Gomes

Marta Sauthier

O texto “A formação moral da estudante de enfermagem”, de autoria de Waleska Paixão, então presidente da Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas - ABED e Diretora da Escola de Enfermagem Ana Néri da Universidade do Brasil, constitui-se em uma palestra proferida no V Congresso Nacional de Enfermagem. O evento realizou-se no Distrito Federal, em novembro de 1951, como parte da temática: Problemas Relativos às Escolas de Enfermagem. A autora convidava para uma reflexão acerca dos problemas na formação das enfermeiras, enfocando questões intrínsecas e extrínsecas à enfermagem, como a qualidade e quantidade de enfermeiras formadas, para que pudesse contribuir para a solução dos problemas de saúde da época. Face aos poucos recursos humanos disponíveis nos hospitais, enfatizava que o reduzido número de enfermeiras provocava um distanciamento do cuidado direto ao doente. Alertava, também, para a proliferação de escolas de enfermagem funcionando em condições precárias. Chamava a atenção para o apego às tradições, exemplificando com a existência do sistema de internato nas escolas de enfermagem, herança do modelo Nightingale, com o alegado objetivo de facilitar às jovens estudantes a incorporação dos valores da profissão. Entretanto, com expectativa de aumento do número de alunas e as dificuldades de manutenção da residência, não se justificava mais o caráter obrigatório do internato. Waleska Paixão faz uma crítica à exigência de presença integral em campo de estágio, sugerindo flexibilidade, o que chama de “justa medida”. Ressalta que, em alguns pontos, a autoridade dificulta o progresso e cerceia a liberdade dos jovens, dificultando a relação docente-discente. Critica, ainda, os excessos da técnica e da ciência, obscurecendo o valor humano e social do trabalho e a percepção do paciente como ser humano. Numa escola, onde se dá a verdadeira noção de liberdade com responsabilidade, respeitam-se as crenças das alunas e dos docentes, procura-se oferecer condições para a formação da personalidade da estudante, mais por “persuasão do que por compressão”. Explicita, ainda, que “será respeitada a personalidade de cada uma e não se pretenderá nem comprimi-la dentro de um molde nem privá-la de uma sábia orientação, poupando-lhe experiências duras e decepcionantes”. Nessa escola, o corpo docente apresentaria competência e valores condizentes com as exigências da profissão. Esses princípios se refletiriam no currículo, na organização da residência e dos serviços, nas relações de cada dia, entre docente e discente. Finaliza recomendando à ABED interferência junto às autoridades para melhorar as verbas destinadas às escolas de enfermagem e ações no sentido de aumentar o salário das enfermeiras em atividade nas escolas. Conclama, ainda, a ABED para estudar a questão do currículo do curso de enfermeiras e a regulamentação dos internatos. Constatamos que Waleska Paixão defendia uma pedagogia inovadora à época, especialmente enaltecendo a liberdade com responsabilidade, que viria a se materializar nas mudanças curriculares e instrumentos legais da profissão.

Presentation

Maria da Luz Barbosa Gomes

Marta Sauthier

The text “the moral formation of the nursing student”, from Waleska Passion, then president of the Brazilian Association of Diplomee Nurses - ABED and Director of the School of Nursing Ana Néri of the University of Brazil, consists in a lecture pronounced in the V National Congress of Nursing. The event was become fulfilled in the Federal District, in November of 1951, as part of the thematic: Relative problems to the Schools of Nursing. The author invited for a reflection concerning the problems in the formation of the nurses, focusing intrinsic and extrinsically questions to the nursing, as the quality and amount of formed nurses, so that she could contribute for the solution of the problems of health of the time. Face to the sparing available human resources in the hospitals, emphasized that the reduced number of nurses provoked a distance of the direct care to the sick person. It alerted, also, for the proliferation of nursing schools functioning in precarious conditions. It called the attention for the attachment to the traditions, exemplifying the existence of the system of boarding school in the schools of nursing, inheritance of the Nightingale model, with the objective alleged one to facilitate to the young students the incorporation of the values of the profession. However, with expectation of increase of the number of pupils and the difficulties of maintenance of the residence, more was not justified the obligator character of the boarding school. Waleska Passion makes critical to the requirement of integral presence in period of training field, suggesting a flexibility, what it calls “measured joust”. The professor-learning relation stands out that, in some points, the authority makes it difficult the progress and curtails the freedom of the young, making it difficult. It criticizes, still, the excesses of the technique and science, overshadowing the human and social value of the work and the perception of the patient as human being. In a school, where if it gives the true notion of freedom

Presentación

Maria da Luz Barbosa Gomes

Marta Sauthier

El texto “La Formación Moral de la Estudiante de Enfermería”, de la autora Waleska Paixão, entonces presidente de la Asociación Brasileña de Enfermeras Diplomadas - ABED y Directora de la Escuela de Enfermería Ana Néri de la Universidad del Brasil, se constituyó en una palestra proferida en el V Congreso Nacional de Enfermería. El evento fue realizado en el Distrito Federal, en noviembre de 1951, como parte de la temática: Problemas Relativos a las Escuelas de Enfermería. La autora invitada para una reflexión referente a los problemas en la formación de las enfermeras, enfocando preguntas intrínsecas y extrínsecas al oficio de enfermera, como la calidad y la cantidad de enfermeras formadas, de modo que ella pudiera contribuir para la solución de los problemas de la salud de la época. Frente a los recursos humanos disponibles en los hospitales, enfatizaba que el número reducido de enfermeras provocó un distanciamiento del cuidado directo a la persona enferma. Alertó, también, para la proliferación de las escuelas de enfermería que funcionaban en condiciones precarias. Llamó la atención para el apego a las tradiciones, ejemplificando con la existencia del sistema del colegio de internos en las escuelas de enfermería, herencia del modelo Nightingale, con el alegado objetivo de facilitar a las estudiantes jóvenes la incorporación de los valores de la profesión. Sin embargo, con la expectativa del aumento del número de pupilas y de las dificultades del mantenimiento de la residencia, no fue justificado el carácter obligatorio del colegio de internos. Waleska Paixão hace una crítica a los requisitos de la presencia integral en el período del campo del entrenamiento, sugiriendo una flexibilidad, qué llama “justa medida”. Resalta que en algunos puntos la autoridad dificulta el progreso y cercena la libertad de los jóvenes, haciéndolo difícil la relación docente-discente. Critica, aún, los excesos de la técnica y de la ciencia, eclipsando el valor humano y social del trabajo y la percepción del paciente como ser humano. En una escuela, en donde si da la noción verdadera de libertad con responsabilidad, se respecta la creencia de las alumnas y de los docentes, se procura ofrecer condiciones para la formación de la personalidad de la estudiante, más por “persuasión do que por compresión”. Explicita, aún, que “será respetada la personalidad de cada una y no se pretenderá comprimirla dentro de un molde y ni privarla de una orientación sabia, ahorrando a las experiencias duras y decepcionantes”. En esta escuela, la facultad presentaría capacidad y valores de acuerdo con los requisitos de la profesión. Estos principios si reflejaría en el curriculum vitae, en la organización de la residencia y de los servicios, en las relaciones de cada día, entre docente y discente. Finaliza recomendando a la ABED interferencia junto a las autoridades para mejorar los montajes del dinero destinados a las escuelas de enfermería y acciones en el sentido de aumentar el salario de las enfermeras en actividad en las escuelas. Conclama, aún, la ABED para estudiar la cuestión del curriculum vitae del curso de enfermeras y de la regulación de los colegios

Problemas Relativos a Escolas de Enfermagem

TEMA: A formação da Estudante de Enfermagem

A FORMAÇÃO MORAL DA ESTUDANTE DE ENFERMAGEM

WALESKA PAIXÃO (*)

Não pretende este trabalho resolver coisa alguma dos grandes problemas relativos à formação de nossas enfermeiras, problemas esses entrosados com muitos outros, de interesse para a profissão ou que apenas nos tocam indiretamente sob o ponto de vista profissional.

E' apenas (ou deseja ser) uma contribuição para nos colocarmos num ponto de vista cujo equilíbrio nos permita um trabalho eficaz em direção às soluções parciais, precursoras de uma solução mais completa. Mesmo essa, não será definitiva, porque coisa alguma neste mundo é definitiva, ao menos quanto ao progresso externo, que vai de adaptação em adaptação e utiliza sempre novos elementos para a realização de seus objetivos finais.

Falo em posição de equilíbrio, não no sentido de um meio termo sinônimo de mediocridade, e sim daquela harmonia entre valores aparentemente opostos, de modo a dar a cada um sua plena significação. Ora, ainda que para realizar algo de profundo, nos arrisquemos sempre a ser unilaterais; ainda que, de fato, só mesmo concentrando-se numa porção limitada de um trabalho poderia o homem aprofundá-lo suficientemente, não é menos certo que, se ao limitar o seu campo, ele não preparou essa limitação por uma tomada de conhecimento do conjunto, e se, no correr de um longo trabalho, não soube ele fazer algumas paradas para retomar o contacto momentaneamente, arriscar-se-á tal homem a se tornar, em breve, incapaz de compreender o trabalho alheio e a mutilar suas próprias experiências.

(*) E D — E E Carlos Chagas, Diretora da E E Ana Nery — Presidente da A B E D.

Vejamos, pois, no campo da Enfermagem, algumas tendências que têm sua razão de ser mas que, levadas ao extremo, podem se tornar mais prejudiciais do que úteis à finalidade da formação da enfermeira em qualidade e quantidade capaz de contribuir poderosamente para a solução dos cruciantes problemas de saúde que defrontamos.

A qualidade da enfermagem a serviço dos doentes no Brasil, é satisfatória? Essa pergunta não pôde ser respondida sumariamente.

Em certos casos — e o nosso é um deles — a qualidade está em estreita interdependência com a quantidade.

Perguntemos às diretoras de todas as escolas que se iniciam entre nós, a maioria das quais em precária situação financeira e muitas vezes também com falta de pessoal. Pôdem elas ensinar e formar tão bem como o desejam? Pôdem elas selecionar as candidatas com o desejável rigor? Eis uma questão que acarreta muitos outros problemas. Deixando de lado as escolas: podem nossas diplomadas dispensar aos doentes sob sua responsabilidade aquêles cuidados dirigidos não só ao físico mas à pessoa do paciente como um todo? O simples fato de serem tão pouco numerosas, obriga-as muitas vezes a se conservarem a respeitável distância dos pacientes, que se darão por muito felizes se forem cuidados por auxiliares bondosas e preparadas em escola que não quiz apenas habilitá-las à execução de alguns trabalhos, mas procurou cultivar-lhes a personalidade.

Mesmo assim, se essas auxiliares são muito jovens e ingressaram no Curso apenas tendo o Curso primário, evidentemente não se poderá exigir delas a maturidade desejável para assumir tais responsabilidades.

E quando pensamos que a maioria de nossos hospitais só conta com atendentes, na melhor das hipóteses sob a chefia de uma diplomada, teremos que convir que a qualidade de nossa enfermagem não pôde ser ótima.

Essa conclusão nos obriga e pensar que, nessas condições, teremos que resolver o problema da qualidade pelo menos paralelamente ao da quantidade.

Para isso, pensam alguns, a solução é abrir mais escolas. É isso que se tem feito nos dez últimos anos. As escolas iniciadas de 1941 para cá, são mais do triplo das que penosamente se abriram de 1923 a 1940. Incontestavelmente isso representa algum progresso na formação de uma mentalidade favorável à profissão; poderes públicos e entidades particu-

A FORMAÇÃO MORAL DA ESTUDANTE

19

lares, interessados em dar à sociedade as profissionais de que precisa, além de outros, para curar-se ou preservar a saúde.

Mas por outro lado essa convicção da necessidade de formar número mais elevado de enfermeiras leva, às vezes, a sacrificar as escolas, começando-as em condições muito precárias quanto a local, material e pessoal, tornando o custo de formação de uma enfermeira muito caro, pelo limitado número de alunas que acorrem às escolas mal situadas e dotadas de locais pouco espaçoso. Não é isso uma censura às escolas iniciadas nessas condições; é apenas uma constatação, que acarreta uma outra: o lento desenvolvimento das escolas que se abriram em condições muito precárias deve levar-nos a procurar auxiliá-las por todos os modos antes de pensarmos em abrir outras.

Isso não seria abrir mão de quantidade — porque um dos nossos esforços seria para aumentar o recrutamento — nem da qualidade, porque procuraríamos aumentar e melhorar o corpo docente e aperfeiçoar os recursos materiais para o ensino, bem como favorecer ambientes de maior influência formadora.

Não abordarei aqui o problema das auxiliares, por ser o mesmo de amplitude que exige outro trabalho.

Quando estudamos a situação das escolas de Enfermagem — e já agora não me refiro apenas às brasileiras, mas às escolas em geral — observamos nas mesmas, várias contradições.

A primeira é o apêgo exagerado a certas tradições, impedindo ou dificultando a adaptação a nossa época, ao lado de uma corrida um tanto precipitada e por isso mesmo mais perigosa, a um progresso técnico e científico nem sempre adequado às possibilidades do momento e, em certos casos, hipertrofiando certos aspectos da profissão em prejuízo de outros, o que acarreta um desequilíbrio e uma inversão de valores.

Exemplifiquemos:

Ao fundar sua primeira escola de enfermagem, Florence Nightingale exigira o regime de internato para a boa formação da enfermeira. Mas esse internato era pequeno, e permitia uma vida de família, que facilitava o conhecimento das alunas e proporcionava ocasiões multiplicadas de insuflar o espírito da nova profissão aberta às jovens. Hoje, obrigar as alunas ao regime de internato, quando o ritmo urgente de formar grande número de enfermeiras não favo-

rece nas escolas a vida de família, e quando as candidatas residem na cidade sede da escola, não se justifica.

Haja o internato, sim, para facilitar o estudo às que vem de fóra; mesmo para receber, momentaneamente, as que o desejem para determinados estágios ou horários, mas não se justifica o caráter obrigatório.

Tradição, ainda, essa contagem de estágios, dia por dia, a ponto de mencionar nos estatutos das Escolas e até nas leis, o numero de 1095 dias. Não é preciso grande esforço para provar: 1.º, que 5 faltas, por exemplo, num estágio de 60 dias representam uma perda insignificante na aquisição dos conhecimentos e destresa que se supõe serem adquiridos no mesmo. Porque, pois, obrigar as alunas a esse total absoluto. Não iremos ao extremo de negar o valor dos estágios. Devemos, porém, guardar nisso uma justa medida. Mais faremos por nossas alunas se obtivermos para elas estágios mais ricos de oportunidades, com melhor supervisão — o que não significa com menores responsabilidades.

Esse ponto de vista mais largo a respeito da extensão dos estágios, nos leva a outra conclusão: um estudo da possibilidade de terminarmos nosso 3.º ano em dezembro como todas as escolas.

Si o início do curso foi a 1.º de março, o término na 1.ª quinzena de dezembro representaria, de fato, apenas uma supressão de um mês e meio de estágios, visto que um dos meses perdidos seria aquêle normalmente consagrado às férias.

Não aleguemos que o mundo inteiro adota o curso de 3 anos completos. Não é exato. Sem recomendar-lo ou prova-lo, mencione países em que o curso é de 2 anos. Em outros — e talvez não escapemos de todo a esse mal, os 3 anos completos têm como um dos motivos aproveitar o trabalho das alunas nos hospitais o que, se nem sempre é censurável, visto que a necessidade a isso obriga, não deixa de ser contrário às finalidades educacionais das escolas.

Quanto aos uniformes, poderíamos mencionar outras tradições que impõem acessórios desnecessários e desconfortáveis, cuja abolição constituirá um progresso.

O excesso das tradições nos prende, às vezes a técnicas bastante discutíveis sob o ponto de vista da rapidez e da economia de esforços e material, quando já temos elementos para ultrapassá-las, sem nada sacrificarmos do que nelas é realmente recomendável.

A FORMAÇÃO MORAL DA ESTUDANTE

21

Enfim, para não deixar excessivamente incompleta esta crítica sumária a pontos em que a tradição prejudica o progresso, seria aconselhável revermos as bases das nossas idéias de autoridade, que muitas vezes hipertrofiada, e mesmo desvirtuada, impõe à mocidade independente de hoje um fardo quase insuportável e dificulta as relações harmoniosas dos corpos docente e discente.

Falei em uma posição de equilíbrio, e examinei apenas alguns excessos tradicionalistas de certas escolas, bem como alguns comuns a todas. Estará havendo uma reação contra isso? Será excessiva?

Parece-nos que sim. Contra o excesso de técnica, estamos caminhando para um excesso de ciência, pelo menos excesso no que diz respeito à carga dos programas a serem dados em pouco tempo, fatigando excessivamente as alunas, o que perturba até mesmo a qualidade da ciência adquirida e sua influência sobre a formação.

O aspecto profissional da profissão tem ainda em diversos meios, obscurecido o valor humano e social de nosso trabalho, a tal ponto que se começa a querer remediar esse estado de coisas chamando nossa atenção sobre o paciente como ser humano. Mas isso mesmo é às vezes feito de modo tão pouco humano, tão friamente científico, tão superficial!

Quanto à organização da vida das estudantes no internato, oscila entre o excesso de disciplina, prejudicial ao próprio desenvolvimento do espírito de iniciativa e do senso de responsabilidade, tão necessários à enfermeira, e uma falsa noção de liberdade que omite a moderada regulamentação indispensável a uma casa destinada a abrigar tantas jovens e contribuir para sua formação. Qual será, pois, a chave desse equilíbrio no qual devemos nos estabelecer para realizarmos um trabalho verdadeiramente fecundo?

Tenho a impressão de que ele se acha numa hierarquia dos valores que julgamos dever cultivar em nossas escolas como elementos de formação. Essa hierarquia deve estabelecer: o primado do espírito sobre a matéria. (não caluniarei nosso século acusando-o de um culto excessivo à matéria) O ideal da enfermagem, baseado na própria natureza do trabalho que a enfermeira vai realizar, e isso não estabelecendo-o sobre um ou outro modelo extraordinário, mas sobre exigências humanas acessíveis ao menos de modo geral a todo ser humano normal; uma concepção verdadeira da liberdade, que é a faculdade de escolher bens, dentro do respeito às leis divinas

e humanas baseadas, não em caprichos, mas na própria natureza das coisas, liberdade essa, limitada pelos direitos dos demais e pelas exigências das finalidades da profissão. Essa hierarquia deve estabelecer sólidamente em nossas escolas, se quisermos formar verdadeiras personalidades de enfermeiras.

Numa escola onde o espírito é sempre considerado acima da matéria, não se justificarão atos imorais mesmo sob o pretexto de salvar uma vida, porque o valor de uma vida por maior que seja, não justifica um crime. Numa escola onde se dá a verdadeira noção de liberdade, respeitam-se as crenças das alunas e dos docentes e procura-se formar a personalidade da estudante mais por persuasão do que por compressão. Em tal escola, procurar-se-ão, para ensinar e orientar as alunas, elementos técnica e cientificamente capazes, mas há de se fazer também questão da envergadura moral daqueles que ensinam. Esses princípios se refletirão no currículo, na organização da residência e dos serviços, nas relações de cada dia entre docente e discente. Apelar-se-á para a cooperação cada vez mais consciente da estudante na resolução dos problemas da casa. Ensinar-se-á, pelo exemplo e pela palavra, esse raro tesouro que é o bom uso da liberdade culminando no verdadeiro espírito de serviço. Será respeitada a personalidade de cada uma e não se pretenderá nem comprimi-la dentro de um molde nem priva-la de uma sábia orientação, poupando-lhe experiências duras e decepcionantes.

Um autor moderno, referindo-se, não à influência de mestres sobre alunos, mas do homem sobre seu semelhante, nos dá um excelente roteiro para conciliar orientação e liberdade: "Quero trazer-lhe uma luz e não uma imposição. Não quero me intrometer no seu destino, mas somente ajudá-lo a descobri-lo e atingi-lo.

Quero que ele se realize pela sua própria escolha. Quero somente ajudá-lo, se ele o aceitar, e que ele exerça ao máximo sua liberdade. Não quero substituí-lo, mas facilitar-lhe o avanço para seu engrandecimento.

Quero libertá-lo, trazendo-lhe os bens que lhe faltam. Eu desejaria ter todos esses bens para dar-lh'os; mas é melhor que ele próprio os conquiste, em nosso esforço coletivo

Somos um deante do outro, complementares; quando julgamos ter dado muito, percebemos que, na realidade, recebemos muito mais". (J. L. Lebreton-Montée humaine) Que conclusões apresentar, ou que recomendações fazer no fim de um

A FORMAÇÃO MORAL DA ESTUDANTE

23

trabalho que se apresentou declarando não pretender resolver problema algum? Apenas algumas providências que trarão simplificação desses problemas.

1.º — Que a Divisão de Educação da A. B. E. D. seja informada das dificuldades materiais de nossas escolas, bem como de suas aspirações e promova junto à Diretoria do Ensino Superior e à D. O. S. um trabalho capaz de obter-lhes, cada ano, um pouco do que pleiteiam para atingir melhor suas finalidades.

2.º — Que essa mesma Divisão promova um estudo das condições de remuneração das enfermeiras em atividade nas escolas bem como de seus títulos e funções, e procure melhorar esses vencimentos, concorrendo assim para manter nesses postos pessoas cada vez mais competentes.

3.º — Inclua-se ainda no programa de estudos dessa Divisão para o próximo ano, a estruturação dos estágios de modo a terminar o curso em 33 meses, em vez de 36.

4.º — Nomeie-se uma comissão especial, composta de membros das diversas escolas, para estudar a atual regulamentação dos internatos e sugerir providências tendentes a melhorá-las num sentido mais favorável à formação da personalidade.